

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA: PROBLEMAS ATUAIS

Jorge Nagle*

É recente o interesse pelo estudo da educação (sempre escolar) brasileira, da perspectiva histórica. É verdade que em vários momentos da história brasileira apareceram exposições sobre o processo educativo que, posteriormente, foram aproveitadas, aqui e ali, como material para os estudos históricos — o que não altera a afirmação inicial.

Neste país, não tem sido muito forte a preocupação com a gênese ou com o desenvolvimento de idéias, metodologias, instituições e mecanismos de atuação, qualquer que seja o campo da vida social que se considere. Esta crítica não acoberta qualquer forma de "ilusão retrospectiva". Apenas procura deixar claro que se paga um preço muito alto quando há desprezo pela dimensão histórica, preço que inclui até mesmo as consequências negativas resultantes do anacronismo — este, um dos defeitos de que padece parte dos estudos históricos da educação brasileira. E tudo leva a crer que se ressaltam exageradamente as particularidades do presente e mesmo o dom profético do futuro, enquanto o passado — muitas vezes idealizado — transforma-se num tempo que já não conta mais. Decreta-se, assim, a morte do passado, mesmo do passado mais próximo.

Da falta de tradição dos estudos históricos da educação brasileira, resultam alguns problemas que precisam encontrar modos adequados para encaminhamento de solução, nem que seja parcial.

*Professor do Departamento de Ciências da Educação/Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação, do Campus de Araquara da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".

Antes de tudo, é necessário ter bem presente que as deficiências dos estudos históricos no campo da educação decorrem, também, do próprio estágio atual dos estudos históricos em geral realizados no país. A nossa herança intelectual, neste último domínio, não é muito forte; essa situação acaba refletindo-se, negativamente, nos poucos estudos históricos sobre a educação brasileira. Nesta relação entre a história e a história da educação convém, desde já, indicar alguns desdobramentos que merecem reflexão.

Embora em número ainda relativamente pequeno, os trabalhos sobre a história da educação brasileira revelam uma dupla deficiência. De um lado, mostram certa dificuldade em selecionar material relevante e, também, revelam certa pressa em substituir descrições por interpretações, estas propostas de maneira muitas vezes mecânica. A pouca familiaridade com o temário da educação, bem como com o modo de trabalhá-lo adequadamente, são bem visíveis nesses trabalhos. Em parte, isso se deve ao fato de que falta, até mesmo, um simples esquema analítico que congregue os elementos mais significativos da problemática educacional, com especificação do sistema de relações que devem ser estabelecidas entre tais elementos; e de tal forma que se interliguem aspectos mais "restritos" com aspectos "intermediários" e mais "compreensivos" (por exemplo, a dimensão técnico-pedagógica com a do sistema escolar e com a sociedade). De outro lado, é difícil perceber, neles, a própria perspectiva histórica. A não ser que se deva considerar, como históricos, trabalhos em que se ressalta o aspecto cronológico e nos quais, também, não existe esforço de periodização ajustada ao domínio especificamente educacional; o que ocorre, neste último caso, é a reprodução acrítica das periodizações existentes, estabelecidas, quase sempre, à base de critérios político-administrativos. São trabalhos, além disso, em que se procura, sem muitos cuidados, empregar categorias analíticas gerais, para daí "contextualizar" o estudo, do que tem resultado, também, a mera justaposição de dados (por exemplo, fatores econômicos mais fatores políticos mais fatores sociais mais fatores culturais). A situação não é

muito diferente quando — o que vem acontecendo mais recentemente — profissionais formados em Ciências Sociais e História fazem incursões no campo educacional. Eles não têm acrescentado muita coisa às análises dos pedagogos que têm se dedicado à história da educação brasileira; nos dois casos, observa-se o mesmo quadro das deficiências apontadas. Aliás, é bom lembrar, neste passo, que a leitura dos estudos mais recentes sobre a história da educação brasileira, feitos por pedagogos ou por outros profissionais, provoca certo saudosismo quando comparada à de "velhos" livros que, embora sejam, atualmente, considerados ultrapassados, sem dúvida alguma constituem, ainda, obras de real valor — muito embora precisem ser refeitos em diversos pontos.

A comparação entre obras mais recentes e mais antigas leva à análise de outro problema importante.

Trata-se do esforço para proporcionar a necessária continuidade dos estudos históricos, em geral, e dos estudos históricos sobre a educação brasileira, em especial. A tradição brasileira, nos dois casos, tem sido a de, até mesmo, provocar ou forçar rupturas, sem mais indagações. Assim, rejeita-se este ou aquele estudo em bloco, de maneira até certo ponto leviana, quando o intelectual brasileiro supõe que a simples rejeição já lhe proporciona *status* privilegiado. Com essa atitude, deixa de existir uma gradual acumulação do conhecimento, além de se perderem iniciativas, orientações e propostas muito produtivas, especialmente quando se trata de trabalhos de intelectuais mais antigos, de formação mais ampla e interdisciplinar. Ao contrário do que vem ocorrendo ultimamente, estes chegaram a incluir em seus trabalhos e a discutir, com largueza de pontos de vista, temário multifacetado e sem as barreiras encontradas nos trabalhos dos atuais "especialistas". Infelizmente, nos estudos mais recentes, muitos temas importantes foram desprezados, o que constitui outra conseqüência negativa para a já mencionada continuidade.

Ainda sobre a questão da continuidade, há um outro aspecto que precisa ser ressaltado.

Percebidos da perspectiva do seu desenvolvimento, os estudos sobre a história da educação brasileira vêm seguindo, de modo geral, a seguinte ordem quanto às concepções que refletem. Em dado momento, os estudos foram de natureza basicamente descritiva. Com essa orientação, encontram-se os relatos sobre a situação então presente, ou os relatórios oficiais ou oficiosos, contendo, em particular, dados estatísticos ou da legislação em vigor. Fazem parte, desse conjunto, as descrições existentes nos relatórios dos ministérios, das câmaras, além daqueles poucos estudos realizados por intelectuais não diretamente ligados ao setor público. No momento seguinte, a ênfase foi dada à análise da história das idéias educacionais, especialmente a partir da discussão do republicanismo no Brasil. É preciso observar, desde já, que a tendência foi no sentido da substituição de um enfoque por outro. O mesmo ocorreu quando os estudos históricos sobre a educação brasileira deslocaram-se para o tema relacionando educação e sociedade. A preocupação com tal relacionamento deu-se, em particular, a partir da década dos anos vinte, quando se exagerava a importância dos estudos psicológicos na solução dos problemas educacionais brasileiros; propor a sociedade como unidade de análise mais adequada e mais compreensiva, foi também uma forma de deslocar a supervalorização da influência dos estudos psicológicos. A análise da educação nos quadros da vida social mais ampla provocou deslocamento para perspectivas muito produtivas. Diferentemente da situação anterior, a educação foi deixando de ser vista como fato isolado ou percebida, quase que exclusivamente, por meio de seus elementos internos. A investigação dos aspectos sociais, no entanto, nem sempre se associou um conhecimento mais firme da problemática propriamente educacional. Foram desprezados, aqui e ali, muitos dados importantes, com o destaque dos chamados aspectos macroscópicos, abstratamente ou, pelo menos, genericamente apresentados. Mas, o que mais interessa salientar, neste passo, foi o desastroso quase desaparecimento de traços dos momentos anteriores, desequilibrando, assim, a necessária relação entre os múltiplos aspectos da vida escolar. E com o aparecimento da análise denominada marxista, enquanto desdobramento do último momento, de certa forma houve enriquecimento, embora permanecessem os defeitos já presentes nas análises sobre a educação e a sociedade.

A ordenação das concepções presentes no estudo da história da educa-

ção revela algumas particularidades interessantes. Antes de tudo, mostra um esforço para substituir, ao invés de integrar, perspectivas (perspectivas essas que não são, por natureza, conflitantes). Observe-se, também, a situação a que se chega quando, por exemplo, os chamados estudos marxistas são realizados com grande desprezo de informações, de natureza estatística ou legislativa, que fornecem um certo retrato das condições existentes; ou quando em estudos feitos do ponto de vista da sociedade mais ampla, nega-se qualquer importância aos aspectos psicológicos relacionados à educação. Resumindo, o que importa é estabelecer determinados modos de articulação entre os vários enfoques, a fim de enriquecer o estudo, e de tal forma que cada um deles, adequadamente situado, proporcione o aparecimento de trabalhos em que se associam os múltiplos dados ou elementos que interessam à análise do processo educativo. Ainda mais, trabalhos que não deixem de incluir dados de natureza demográfica ou religiosa, geográfica ou artística, bem como dados que podem ser colhidos em obras que demarcam o desenvolvimento literário e científico; igualmente, deve-se explorar o conteúdo de livros didáticos ou daqueles que fornecem informações, por exemplo, sobre a família, instituições de atenção médica, de lazer. Sem omitir, é claro, temas mais amplos envolvendo questões sobre natureza humana, papel da infância e da adolescência, assim como a grande variedade de técnicas sociais que têm conseqüências decisivas nos padrões de realização escolar. Afinal de contas, o estudo do processo de educação beneficiar-se-á quando se encaixar na multiplicidade dos aspectos da vida social, na riqueza da vida cultural de determinado povo. Por esse motivo, o estudo tanto da organização como das práticas, no terreno educacional, deve encontrar uma maneira produtiva de interligar-se com as condições econômicas, políticas e sociais de determinado quadro histórico, quadro no qual a educação aparece e se desenvolve e encontra o sentido que configura seu modo particular de ser.

Essa orientação geral, porém, exige muito esforço por parte do estudioso para que ela seja gradualmente atingida — o que não vem ocorrendo.

Exige a criação de novos caminhos analíticos e metodológicos. A complexidade da tarefa supõe amadurecimento de natureza doutrinária e teórica e para questões muito difíceis, com a necessária interligação com determinadas circunstâncias históricas — o que obriga a situar processos e mecanismos que evitem o aparecimento de associações mecânicas ou sem intermediação entre um aspecto e outro. Exige, também, a elaboração de esquema que identifique formas de relacionamento entre o todo e as partes, entre fatores externos e internos e, às vezes, exige a elucidação do papel da biografia na história. Acrescente-se, a tudo isso, a verificação das possibilidades de concepções e da própria estrutura social para evitar o aparecimento de novas modalidades de anacronismo; sem omitir, na seqüência, o quanto é importante estabelecer os modos de relação entre texto, contexto e subtexto.

Finalmente, cabe ressaltar o seguinte problema geral. Trata-se da tendência à explicação fácil dos fenômenos, pelo emprego de categorias analíticas nem sempre suficientemente esclarecidas — o que ocorre mais facilmente nos assim chamados estudos marxistas sobre a história da educação brasileira. Como disse Antonio Cândido, a propósito das investigações sobre os aspectos sociais das obras literárias, à explicação fácil acompanha uma espécie de "luxo especulativo", bem como uma espécie de simplismo que se nota no estudo de problemas, que não chegam a ser bem enfrentados pelos estudiosos; ao contrário, os problemas encontram soluções imediatas, apesar de estarem desafiando, há gerações, o esforço de intelectuais sérios. Isso tudo, sem discutir a questão dos modismos que transformam o intelectual brasileiro num estudioso em constante disponibilidade; e sem discutir, igualmente, a transformação, que ocorre com tanta freqüência, de questões de cultura em questões de culto.